

# CONHECIMENTO SOBRE REPRODUÇÃO E SEXO SEGURO DE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO E FUNDAMENTAL DE FORTALEZA - CEARÁ

## KNOWLEDGE OF REPRODUCTION AND SAFE SEX AMONG TEENAGERS FROM A HIGHSCHOOL IN FORTALEZA – CEARÁ

Mônica C Façanha<sup>2</sup>, Beatriz LF Menezes<sup>1</sup>, Ana DB Fontenele<sup>1</sup>, Marina A Melo<sup>1</sup>, Adivânia S Pinheiro<sup>1</sup>, Cecília S Carvalho<sup>1</sup>, Ivna A Porto<sup>1</sup>, Larissa OC Pereira<sup>1</sup>

### RESUMO

**Introdução:** os adolescentes e adultos jovens constituem um grupo de risco crescente para doenças sexualmente transmissíveis (DST), incluindo a infecção pelo HIV. A maior vulnerabilidade dos jovens decorre de falhas ou inconsistências no uso de preservativos associadas às elevadas taxas de atividade sexual com diferentes parceiros. **Objetivo:** avaliar o conhecimento de adolescentes de uma escola de ensino médio e fundamental de Fortaleza, a respeito da fisiologia do aparelho reprodutor, identificar fatores de risco para a infecção por DST/HIV, como a conduta sexual, e avaliar a frequência do uso rotineiro de preservativo. **Método:** aplicou-se questionário auto-administrado a 100 estudantes do segundo grau de escola de ensino médio e fundamental de Fortaleza. **Resultados:** dos 98 que responderam se já tinham tido relações sexuais, 38,8% disseram que sim. Cinquenta e dois estudantes responderam corretamente a duração do ciclo menstrual. As meninas acertaram 2,28 vezes mais essa resposta que os meninos ( $p < 0,01$ ). Com relação à época do ciclo menstrual em que há maior probabilidade de engravidar, 30 responderam “14 dias após a menstruação”. As alunas acertaram 39% mais vezes essa resposta que os alunos ( $p = 0,057$ ). Dos que já haviam tido relações sexuais, 33 (91,7%) disseram ter usado preservativo na última relação sexual, enquanto 21 (58,0%) disseram que haviam usado em todas as relações sexuais nos últimos seis meses. **Conclusão:** a proporção de alunos que conhecem o ciclo menstrual é pequena, especialmente entre aqueles do sexo masculino, e o uso de preservativo é irregular.

**Palavras-chave:** DST, HIV, aids, comportamento sexual, reprodução

### ABSTRACT

**Introduction:** adolescents and young adults constitute a group of increasing risk for sexually transmissible diseases (STD), including HIV infection. The greatest vulnerability of the young people comes from inconsistencies in the use of condoms associated to the raising rates of sexual activity with different partners. **Objective:** this study aims to evaluate the knowledge of adolescents from a high school about: reproductive physiology; risk factors for DST/HIV infection, as the sexual behavior and to evaluate the frequency of routine use of condom. **Methods:** auto-managed questionnaire was applied to 100 students of a High school from Fortaleza. **Results:** of the 98 that answered if already had had sexual relations, 38.8% said yes. Fifty - two students answered correctly the duration of the menstrual cycle. The girls did it right 2.28 times plus than boys ( $p < 0.01$ ). About the best time to get pregnant, 30 answered it right. The females did right 39% more than males ( $p = 0.057$ ). From those who already had sexual intercourse, 33(91.7%) they said to have used condom in the last one, while 21 (58.0%) said that they had used in all intercourses in the last 6 months. **Conclusion:** the proportion of high school students who knows about menstrual cycle is small, especially among those of the masculine sex, and the use of condom is irregular.

**Keywords:** STD, HIV, aids, sexual behavior, reproduction

ISSN: 0103-0465

*DST – J bras Doenças Sex Transm 16(2):5-9, 2004*

## INTRODUÇÃO

Os adolescentes e adultos jovens constituem um grupo de risco crescente para as doenças sexualmente transmissíveis (DST), incluindo a infecção pelo HIV. A maior vulnerabilidade dos jovens decorre de falhas ou inconsistências no uso de preservativos<sup>1, 2</sup> em paralelo às elevadas taxas de atividade sexual com diferentes parceiros<sup>3, 4</sup>.

A adolescência é a etapa da vida marcada por complexo processo de desenvolvimento biológico, psíquico e social. É principalmente nesta fase que as influências contextuais, externas à família, tomam maior magnitude, pois vão implicar na tomada de decisões, de condutas e contribuir para a definição de estilos de vida<sup>5</sup>. Neste período, o jovem se “arrisca”, oscilando entre as situações de risco “calculado”, decorrentes de ação pensada, e as de risco “insensato”, nas quais, expondo-se gratuitamente, pode comprometer sua vida de forma irreversível<sup>6</sup>.

Assim, com a expressão mais efetiva dos impulsos sexuais em função da maturação reprodutiva, a gravidez precoce e as DST são problemas cada vez mais relevantes nesta população<sup>7</sup>. Nos Estados Unidos da América do Norte, estima-se que mais da metade da população infectada pelo HIV adquire a infecção entre as idades de 15 a 24 anos<sup>8</sup>.

<sup>1</sup>Estudante de Medicina e Componente do Projeto Acadêmico de Integração em Saúde

<sup>2</sup>Professora de clínica de Doenças Infecciosas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, Mestra em Doenças Infecciosas e Parasitárias pela UFRJ, Coordenadora do Projeto Acadêmico de Integração em Saúde.

**Fonte financiadora:** UFC – bolsa de iniciação à pesquisa

Inúmeros estudos mostram que jovens carentes ou residentes em comunidades de baixa renda estão sujeitos, com maior frequência, aos comportamentos ditos de “risco” que influenciam a sua saúde<sup>9</sup>. No caso particular de problemas de saúde relacionados com DST, adolescentes das chamadas “minorias sociais” demonstram maior atividade sexual, idade mais precoce de início de relacionamento sexual, maior número de parceiros sexuais e uso menos freqüente de preservativo<sup>10,11</sup>. No Brasil, a Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (PNDS) revelou igualmente que jovens com baixo nível de instrução são os que demonstram maior atividade sexual, iniciação à vida sexual mais precoce e menor percentual de uso de preservativo masculino na última relação sexual<sup>12</sup>.

Nos últimos anos, o quadro epidemiológico da aids no Brasil vem apresentando importantes mudanças. Observa-se um aumento de casos entre heterossexuais e usuários de drogas injetáveis, além de um crescimento proporcional da categoria nas transmissões perinatais. Outras modificações no perfil da população acometida estão relacionadas com a diminuição de sua faixa etária, o declinante nível socioeconômico dos pacientes e a incidência da doença entre pessoas do sexo feminino.

Alguns fatores têm contribuído para o aumento da incidência das DST: desinformação sobre o assunto devido à diminuição das campanhas educativas, automedicação ou medicação indicada por pessoas não-qualificadas, multiplicidade de parceiros, maior liberdade para a prática da atividade sexual em decorrência do uso de métodos anticoncepcionais, dificuldade na investigação dos parceiros sexuais, menor temor do público por essas doenças pela facilidade do diagnóstico e tratamento, facilidade de deslocamento das populações, e por fim o aparecimento da resistência microbiana aos antibióticos e quimioterápicos.

Assim, o conhecimento acerca da prática sexual desempenhada por uma determinada população, os métodos preventivos utilizados, o conhecimento específico sobre os métodos de transmissão e onde tal população adquire tais informações é de extrema importância para guiar as ações governamentais em prol do controle desta grande epidemia que atinge todo o mundo.

Uma das principais formas de conter o avanço da aids e de outras DST é a conscientização da população. Este trabalho educacional costuma ser feito nas oficinas sobre a prática do sexo seguro, que são, de uma forma geral, direcionadas a adolescentes e universitários. As principais estratégias de prevenção, empregadas pelos programas de controle, envolvem a promoção do uso de preservativos, a promoção do uso de agulhas e seringas esterilizadas ou descartáveis, o controle do sangue e derivados, a adoção de cuidados na exposição ocupacional a material biológico e o manejo adequado das outras DST.

Os preservativos masculinos e femininos são a única barreira comprovadamente efetiva contra o HIV e o uso correto e consistente deste método pode reduzir substancialmente o risco de transmissão do HIV e das outras DST. O uso regular de preservativos pode levar ao aperfeiçoamento na sua técnica de utilização, reduzindo a freqüência de ruptura e escape e, conseqüentemente, aumentam sua eficácia. Estudos recentes demonstraram que o uso correto e sistemático do preservativo masculino reduz o risco de aquisição do HIV e outras DST em até 95%.

Em 1998, um estudo realizado pela Coordenação Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde mostrou que entre os indivíduos que afirmaram que eram sexualmente ativos, aproximadamente 76% não utilizam o preservativo nas suas relações sexuais. Para jovens entre 16 e 25 anos, de ambos os sexos, esse percentual desce para 56%, porém ainda considerado preocupante. Dentre os entrevistados, 31,3% são desinformados quanto ao uso de camisinha e 21,5% quanto ao sexo oral. Com relação ao tipo de relacionamento sexual, mais de 25% são desinformados quanto aos riscos de casais homossexuais e 46% quanto aos casais heterossexuais<sup>13</sup>.

Estes dados epidemiológicos demonstram a necessidade da avaliação continuada do perfil comportamental e educativo da população. Apesar das inúmeras campanhas preventivas e dos diversos métodos de obtenção de informação sobre prevenção das DST, dentre elas a aids, como internet, jornais, revistas, rádios, TV, a população não se mostra conscientizada sobre os riscos de contaminação pelo HIV.

Tais comentários revelam a importância de conhecer a população sobre tais tópicos a fim de promover uma campanha informativa e preventiva a cerca das DST/aids de maneira eficaz e competente, pois a aids não tem cura e a melhor terapêutica ainda é a prevenção. Este estudo tem como objetivo avaliar o grau de conhecimento de adolescentes de uma escola de ensino médio e fundamental de Fortaleza, residentes em comunidades de baixa renda, a respeito: da fisiologia do aparelho reprodutor; identificar fatores de risco para a infecção por DST/HIV, como a conduta sexual e a conduta quanto aos cuidados de saúde, e avaliar a freqüência do uso rotineiro de preservativo.

## METODOLOGIA

Aplicou-se questionário auto-administrado em 118 estudantes do ensino médio de escola de ensino médio e fundamental de Fortaleza, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Protocolo 75/03) e consentimento livre e esclarecido dos responsáveis. A escola selecionada atende, no turno da manhã, crianças especiais e, no turno da noite, adultos em cursos supletivos. Portanto, os questionários foram aplicados no turno da tarde, a todas as turmas do ensino médio. Foram excluídos os questionários de 18 alunos: seis por não terem preenchido o campo de idade e 12 com idade maior ou igual a 20 anos.

Os questionários foram codificados e digitados em Epi-Info 6.04<sup>14</sup>.

## RESULTADOS

Dos 100 questionários preenchidos, 59 foram de alunos do primeiro ano do segundo grau, 24 do segundo ano e 17 do terceiro ano. Cinquenta e nove eram do sexo masculino e 41 do feminino. A idade variou entre 13 e 19 anos, com média de 16,4, moda e mediana de 16 anos. Noventa e seis, dos 99 que responderam qual era seu estado civil, disseram-se solteiros, os outros disseram estar “namorando” (**Tabela 1**). Moravam com os pais

**Tabela 1 - Características sociodemográficas dos alunos de escola de ensino médio e fundamental, Fortaleza-CE, 2002**

Características sociodemográficas dos alunos	No.	%
Série Escolar		
1ª.	59	59,0
2ª.	24	24,0
3ª.	17	17,0
Sexo		
Feminino	58	59,0
Masculino	41	41,0
Idade		
14-16	54	54,0
17-19	46	46,0
Religião		
Católica	73	73,0
Evangélica	10	10,0
Outra	5	5,0
Sem religião	12	12,0
Pratica a religião		
Sim	72	81,8
Não	16	18,2
Mora com		
Pais	79	79,8
Familiares	17	17,2
Amigos	3	3,0
Atividades extracurriculares		
Não	74	74,7
Remunerada	14	14,1
Não remunerada	11	11,1
Teve a 1ª relação sexual		
Antes dos 15 anos	15	15,0
Com 15 anos e mais	22	21,0
Sem informação da idade	3	3
Ainda não teve	60	61,9
Usou preservativo na 1ª relação sexual		
Sim	35	80,0
Não	7	20,0

79 dos 99 que responderam a esse quesito, moravam com outros familiares 17 e com amigos 3. Os pais de 63 deles moram juntos (57 dão-se bem e seis vivem juntos mas não se dão bem), os pais de 36 não vivem juntos (32 por serem separados, um porque a mãe havia falecido e três porque o pai havia falecido). Quanto à religião 73 disseram-se católicos, dez evangélicos, três espíritas, um judeu, um testemunha de Jeová e 12 sem religião. Dos 88 que tinham alguma religião, 72 (81,8%) disseram praticá-la. A única atividade de 74,7% dos estudantes era a escola; dos que tinham outras atividades 14 (48,3%) tinham atividade remunerada. Quarenta alunos informaram que já tinham tido relações sexuais, 15 (37,5%) deles antes dos 15 anos de idade, 22 (55%) depois dos 15 anos e 3(7,5%) não informaram a idade da primeira relação sexual; a idade média da primeira relação sexual para os homens foi de 14,2 anos, moda e mediana aos 14 anos e para

as mulheres, 15,9 anos, moda aos 15 anos e mediana entre 15 e 16 anos. A primeira relação sexual de 68,4% foi com namorada(o) e de 31,6% com amiga(o). Apenas 17 responderam que sempre portavam preservativos com eles e destes sete (41,2%) ainda não haviam tido a primeira relação sexual, o que significa que 30 (75%) dos sexualmente ativos não portam consigo o preservativo.

Dezessete dos entrevistados não sabiam qual era a escolaridade da mãe e 23 não sabiam a do pai. Das 83 mães cuja escolaridade era conhecida pelos filhos, 43 (51,8%) eram analfabetas ou com primeiro grau incompleto, enquanto cinco (6%) tinham curso superior completo ou incompleto. Dos 77 pais cuja escolaridade era conhecida pelos filhos, 33 (42,9%) eram analfabetos ou com primeiro grau incompleto, enquanto três (3,9%) tinham curso superior completo ou incompleto. A situação de emprego do pai era conhecida por 89 dos entrevistados: 76,4% estavam trabalhando, 12,4% desempregados e 11,2% aposentados. Com relação às mães, a situação de emprego de 93 delas era conhecida: 66,7% trabalhando, 31,2% desempregadas e 2,2% aposentadas.

**Tabela 2 - Características sociodemográficas das famílias dos alunos de escola de ensino médio e fundamental, Fortaleza-CE, 2002**

Características sociodemográficas das famílias	No.	%
Situação conjugal dos pais		
Juntos	63	63,6
Separados	32	32,3
Outro	4	4,0
Escolaridade do pai		
Analfabeta ou 1º grau incompleto	33	42,9
1º grau completo ou 2º grau incompleto	22	28,6
2º grau completo ou superior incompleto	21	27,3
Superior completo	1	1,3
Escolaridade da mãe		
Analfabeta ou 1º grau incompleto	43	51,8
1º grau completo ou 2º grau incompleto	18	21,7
2º grau completo ou superior incompleto	20	24,1
Superior completo	2	2,4
Situação de trabalho do pai		
Trabalhando	68	76,4
Desempregado	11	12,4
Aposentado	10	11,2
Situação de trabalho da mãe		
Trabalhando	62	66,7
Desempregada	29	31,2
Aposentada	2	2,2
Renda familiar (salário mínimo)		
Até 1	10	12,7
Mais de 1 a 2	29	36,7
Mais de 2 a 3	24	30,4
Mais de 3 a 4	7	8,9
Mais de 4 a 5	3	3,8
Mais de 5	6	7,6

das. Setenta e nove adolescentes responderam o valor da renda familiar: 12,7% até um salário mínimo (SM), 36,7% entre um SM e dois SM, 30,4% entre dois SM e três SM, 8,9% entre três SM e quatro SM, 3,8% entre quatro SM e cinco SM, 7,6% mais de cinco SM (moda entre um SM e dois SM e mediana entre dois SM e três SM) (Tabela 2). Dos 40 adolescentes que disseram já ter tido a primeira relação sexual, 27 informaram o valor da renda familiar e se havia usado (ou não) preservativo em todas as relações sexuais dos últimos seis meses, observou-se que 12 dos 23 (52,0%) que ganhavam até três salários mínimos usaram preservativo em todas as relações sexuais, enquanto todos os quatro (100,0%) que ganhavam mais de quatro salários mínimos disseram ter usado preservativo em todas as relações sexuais dos últimos seis meses ( $p = 0,21$ ).

De acordo com a Tabela 3, 15 estudantes informaram que já ter tido relações sexuais antes dos 15 anos de idade, sendo que o risco relativo das alunas foi de 12% com relação aos alunos. Cinquenta e dois estudantes responderam corretamente a duração do ciclo menstrual, 12 alunos disseram que durava de 10 a 15 dias, 10 responderam de 20 a 23 dias, um respondeu que durava entre 50 e 60 dias e 21 disseram que não sabiam ou não lembravam. As meninas acertaram 2,28 vezes mais essa resposta que os meninos ( $p < 0,01$ ). Com relação à época do ciclo menstrual em que há maior probabilidade de engravidar, 30 responderam “14 dias após a menstruação”, 29 responderam “sete dias antes da menstruação”, três “durante a menstruação” e 39 “não sei/não lembro”. As alunas acertaram 39% mais vezes essa resposta que os alunos ( $p = 0,057$ ). Três alunos já haviam tido DST, 30 alunos disseram que a “camisinha” evitava gravidez e seis que a bebida os estimula sexualmente. Nenhuma dessas respostas teve diferença entre os sexos.

Dos que já haviam tido relações sexuais, 33 (91,7%) disseram ter usado preservativo na última relação sexual, enquanto 21 (58,%) disseram que haviam usado em todas as relações sexuais nos últimos seis meses, destes nenhum respondeu que tivesse usado preservativo na última relação sexual. Trinta (80,%) dos que responderam a esta pergunta responderam que haviam usado preservativo na primeira relação, 14 (40,0%) mulheres e 21 (60,0%) homens ( $p = 0,86$ ), 21 (60%) disseram ter usado pre-

servativo sempre nos últimos seis meses e 14 (40%) não usaram de forma consistente ( $p = 0,30$ ).

## DISCUSSÃO

Em virtude da auto-administração do questionário na própria escola, existe a possibilidade de parte dos alunos terem faltado com a verdade, questões como relações sexuais anteriores, DST, são passíveis de serem negadas especialmente pelas meninas. Os rapazes, pelo contrário, podem ter aumentado a frequência de positividade com relação a já ter iniciado a atividade sexual.

A maioria dos estudantes é proveniente de famílias de baixa renda, cujos pais e mães têm baixa escolaridade, podendo contribuir para o menor acesso à informação. No entanto, comparando os indivíduos da amostra estudada não foi possível tal correlação, provavelmente porque aqueles com maior renda estavam pouco representados.

A idade da primeira relação sexual coincidiu com aquela encontrada por Isolan *et al.* em jovens atendidos em ambulatório de DST no Rio de Janeiro<sup>15</sup>.

O nível de conhecimento desses estudantes sobre o ciclo reprodutivo também é sofrível, sendo mais conhecido pelas mulheres, mas nem todas elas conhecem o intervalo do ciclo menstrual ou o período mais provável para engravidar. É possível que as alunas tenham maior conhecimento desse assunto visto que elas convivem com o ciclo menstrual e, em geral, é responsabilidade das mulheres o planejamento familiar ou pelo menos evitar gravidez não planejada.

Como foi observado por Anderson *et al.*, 1990 e Kann *et al.*, 1998, o uso de preservativos nas relações sexuais é pouco consistente e compatível com os 56% encontrados na pesquisa nacional de 2000 e bem maior do que a observada na pesquisa do Ibope de 2003, que encontrou apenas 14,4%. Possivelmente, parte dessa diferença deve-se ao fato de a maioria dos jovens ter apenas parceiros eventuais, enquanto na amostra do Ibope, a maioria das pessoas que não usaram preservativo, tinham parceiro fixo<sup>16</sup>.

**Tabela 1 - Risco relativo do sexo feminino com relação ao masculino no que diz respeito aos principais parâmetros de comportamento e conhecimento do ciclo reprodutivo e prevenção de DST/aids de alunos de escola de ensino médio e fundamental, Fortaleza-CE, 2002.**

Parâmetro	Feminino	Masculino	Risco Relativo	Intervalo de Confiança
Ter tido relação sexual	15	25	0,51	0,33-0,78
Primeira relação sexual antes dos 15 anos de idade	1	14	0,11	0,02-0,77
Primeira relação sexual com 15 anos de idade ou mais	15	10		
DST anterior	1	2	0,34	0,03-3,64
Usou preservativo na última relação sexual	12	21	0,85	0,32-2,23
Usa camisinha em todas as relações sexuais	10	11	1,81	0,75-4,35
Camisinha evita gravidez	12	18	0,98	0,71-1,35
Tem mais vontade de transar quando bebe	3	3	1,63	0,43-6,18
Duração do ciclo menstrual 28 a 30 dias	42	10	2,28	1,52-3,42
Época mais provável para engravidar com relação ao ciclo menstrual 14º dia	22	8	1,39	1,02-1,89

## CONCLUSÃO

Os jovens começam a vida sexual precocemente, usam irregularmente os preservativos e têm pouco conhecimento sobre o ciclo reprodutivo.

## AGRADECIMENTOS

À direção da Escola, à equipe de professores e alunos que gentilmente concordaram em colaborar com o estudo e aos componentes do Projeto Acadêmico de Integração em Saúde – PAIS, pelo apoio recebido durante todo o desenvolvimento do projeto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, J. E.; KANN, L.; HOLTZMAN, D.; ARDAY, S.; TRUMAN, B. & KOLBE, L., 1990. HIV/AIDS knowledge and sexual behavior among high school students. *Family Planning Perspectives*, 22:252-255.
- KANN, L.; KINCHEN, S. A.; WILLIAMS, B. I.; ROSS, J. G.; LOWRY, R.; HILL, C. V.; GRUNBAUM, J. A.; BLUMSON, P. S.; COLLINS, J. L. & KOLBE, L. J., Youth risk behavior surveillance - United States, 1997. *Journal of School Health*, 68:355-369. 1998.
- KU, L.; SONENSTEIN, F. L.; LINDBERG, L. D.; BRADNER, C. H.; BOGGESS, S. & PLECK, J. H., Understanding changes in sexual activity among young metropolitan men: 1979-1995. *Family Planning Perspectives*, 30:256-262. 1998.
- SANTELLI, J. S.; BRENER, N. D.; LOWRY, R.; BHATT, A. & ZABIN, L. S., Multiple sexual partners among U.S. adolescents and young adults. *Family Planning Perspectives*, 30:271-275. 1998.
- RUZANY, M. H. & SZWARCOWALD, C. L., Mortalidade de adolescentes no município do Rio de Janeiro, de 1981 a 1995 - Quantos óbitos poderiam ser evitados? *Revista de Pediatria*, 75:327-333. 1999.
- DICLEMENTE, R. J.; PORTON, L. E. & HANSEN, W. B., *New Directions for Adolescent Risk Prevention Research and Health Promotion Research and Interventions. Handbook of Adolescent Health Risk Behavior. Issues in Clinical Child Psychology*. New York: Plenum Press. 1996.
- WARREN, C. W.; SANTELLI, J. S.; EVERETT, S. A.; KANN, L.; COLLINS, J. L.; CASSELL, C.; MORRIS, L.; KOLBE, L. J., Sexual behavior among U.S. high school students, 1990-1995. *Family Planning Perspectives*, 30:170-172, 200. 1998.
- PEERSMAN, G. V. & LEVY, J. A., 1998. Focus and effectiveness of HIV-prevention efforts for young people. *AIDS*, 12 (Sup. A):S191-S196.
- SELLS, C. W. & BLUM, R. W., Morbidity and mortality among US adolescents: An overview of data and trends. *American Journal of Public Health*, 86:513-519. 1996.
- FORD, K.; RUBINSTEIN, S. & NORRIS, A. E., Sexual behavior and condom use among urban, low-income, African-American and Hispanic youth. *AIDS Education and Prevention*, 6:219-229. 1994.
- REITMAN, D.; St. LAWRENCE, J. S.; JEFFERSON, K. W.; ALLEYNE, E.; BRASFIELD, T. L. & SHIRLEY, A., Predictors of African American adolescents' condom use and HIV risk behavior. *AIDS Education and Prevention*, 8:499-515. 1996.
- BEMFAM (Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil), *Brasil: Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde 1996*. Rio de Janeiro: BEMFAM. 1997a.
- Ministério da Saúde – CEBRAP. Comportamento sexual da população brasileira e percepções do HIV/ Aids 2000. Disponível em <http://www.aids.gov.br>
- CENTERS FOR DISEASES CONTROL AND PREVENTION - CDC. Epi Info 6.04. Atlanta – EUA. Disponível em .
- ISOLAN, T.B. CARVALHO, AVV, ALMEIDA FILHO, GL, PASSOS, MRL, BRAVO, RS, PINHEIRO, VMS. *Perfil do Atendimento ao Adolescente no Setor de Doença Sexualmente Transmissível da Universidade Federal Fluminense*. *Jornal Brasileiro: Doenças Sexualmente Transmissíveis* 13 (4): 9-30, 2001.
- PAIVA, V.; VENTURI, G., FRANÇA-JÚNIOR, I. & LOPES, F. 2-Uso de preservativos: pesquisa nacional MS/ Ibope, Brasil 2003. Disponível em <http://www.aids.gov.br>

### Endereço para correspondência:

**MÔNICA CARDOSO FAÇANHA**

Rua Pinto Madeira 777, aptº 701.

Centro Fortaleza-CE. - CEP- 60150-000

E-mail: [mfacanha@yahoo.com](mailto:mfacanha@yahoo.com)

Recebido em: 02/07/04

Aprovado em: 30/07/04